

MACHLINE, Vera Cecília. Teria o conceito setecentista de humor joco-sério derivado da antiga teoria humoral? *In*: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C., P.; SILVA, C. C.; FERREIRA, J. M. H. (eds.). *Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro*. Campinas: AFHIC, 2004. Pp. 471-478. (ISBN 85-904198-1-9)

## TERIA O CONCEITO SETECENTISTA DE HUMOR JOCO-SÉRIO DERIVADO DA ANTIGA TEORIA HUMORAL? \*

Vera Cecília Machline \*\*

*Resumo – O objetivo deste trabalho é averiguar se a noção de humor que surgiu durante o Romantismo do século XVIII tem vínculos com cogitações anteriores a respeito do antigo sistema humoral quadripartido, que compreendia quatro humores cardinais, cada um constituído de duas dentre quatro qualidades primárias.*

*Importa esclarecer aqui que a noção romântica de humor era consideravelmente diferente do conceito atual de humor, ou seja, um estímulo mental a propiciar divertimento, se não riso. Por exemplo, segundo o levantamento intitulado The Development of English humour levado a cabo na primeira metade do século XX pelo crítico literário Louis Cazamian, humor no século XVIII não raro implicava "a capacidade de dizer coisas extravagantes, paradoxais e engraçadas, bem seriamente"; ou um gracejo especial que deriva da "feliz combinação de páthos e brincadeira". Em outras palavras, embora o humor romântico já fosse uma categoria estética em vez de fisiológica, seu significado era mais restrito do que a polissemia que a mesma palavra abarca hoje em dia, incluindo uma ampla gama de gêneros cômicos retóricos, dramáticos, literários e visuais, como ironia, farça, sátira e caricatura.*

Devido a circunstâncias até agora pouco conhecidas, no século XVIII, humor ascendeu a uma categoria estética *sui generis*. Com isso, deixou de designar apenas matérias líquidas e semilíquidas nos seres vivos, notadamente os quatro humores cardinais encabeçando o longo humorismo. Outrossim, converteu-se em “uma modalidade especial de gracejo” tendo “mais a ver com seriedade

\* Este trabalho deriva de uma pesquisa a respeito do debate sobre a teoria humoral entre os séculos XVI e XVIII, vinculada ao Projeto Temático “A complexa transformação da ciência da matéria: entre o compósito do conhecimento antigo e a especialização moderna”, desenvolvido por pesquisadores ligados ao Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência da PUC-SP, com o apoio da FAPESP.

\*\* Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. E-mail: [vcmach@pucsp.br](mailto:vcmach@pucsp.br).

do que com alegria”, nas palavras do estudioso de literatura Louis Cazamian, que dentro de sua especialidade buscou rastrear o desenvolvimento do que ele denomina “humor moderno”. Ainda segundo Cazamian, esta concepção extemporânea de humor seria o desfecho de um processo “envolto em muita obscuridade” consumado em solo inglês, com raízes na antiga teoria humoral, a compreender dois estágios.<sup>1</sup>

O primeiro teria culminado com o poeta e dramaturgo Ben Jonson (c. 1572-1637), cuja carreira deslanchou a partir de suas assim chamadas “comédias de humores”, ou seja, *Euery man in his hvmovr: a comoedie* e *The comicall satyre of euery man ovt of his hvmour*, estreadas respectivamente em 1598 e 1599. Mas como Cazamian explica, estas comédias raramente versam sobre os quatro temperamentos formulados no medievo com base na predominância de cada um dos humores cardinais. Na verdade, Jonson teria dramatizado em suas comédias sobretudo duas acepções de humor em voga na Inglaterra na segunda metade do século XVI, a saber: uma idiosincrasia ocasionada por uma compleição natural porém fora do comum; ou, em vez de genuína, uma excentricidade simulada e, portanto, falsa. No entender de Cazamian, Jonson seria responsável por dar um cunho definitivamente cômico ao termo humor graças à exploração dessas acepções – mesmo que, das duas, a segunda se adequasse melhor à derrisão (CAZAMIAN, 1965, pp. 309-316).

Em outras palavras, conforme detalhado por Snuggs e Clancy, ambos também estudiosos de literatura, especialmente os “pseudo-humores de afetação e excentricidade” seriam matéria de zombaria. Em contrapartida, as idiosincrasias genuínas – e daí incorrigíveis – dificilmente se prestariam à censura cômica, sintetizada pela máxima neolatina cunhada pelo poeta Jean de Santeuil (1630-1697) *castigat ridendo mores*, isto é, “rindo castiga os costumes”.<sup>2</sup> Evidentemente, os termos foram outros para Jonson. Com efeito, no prólogo de *Euery man in his hvmovr* consta que o objetivo da comédia seria “troçar das tolices humanas, não de crimes”; ou ainda, “daqueles erros, que todos [...] confessarão rindo-se deles” (JONSON, *Euery man in his hvmovr*, versos 24 e 27-28, em JONSON, 1988, p. 8).<sup>3</sup>

Retomando Cazamian, o segundo estágio estendeu-se “de 1660 a 1750 ou 1800”. Apesar de abranger cerca de uma centúria, compreendeu “mudanças que não deixaram nenhum registro direto”. Seu apogeu seria o advento – desta feita no âmbito da literatura – do “humor moderno”. Mais circunscrito que os humores satirizados por Jonson, este veio a designar uma “atividade” mental peculiar, definida por Cazamian como “a capacidade de dizer coisas invulgares, paradoxais e engraçadas, muito seriamente”.<sup>4</sup>

Não faltam evidências atestando a nacionalidade inglesa e a natureza literária do conceito setecentista de humor joco-sério. Dentre outras, destaca-se o depoimento em primeira mão da mulher de letras e teórica do Romantismo Madame de Staël (1766-1817) a respeito do “gracejo inglês”, imiscuído ao culto às tradições nacionais, característico do ideário romântico, que deu fama ao *humour* inglês e ao *esprit* francês. Assim é que Madame de Stäel parte do pressuposto de que “apenas os franceses podem atingir a perfeição do gosto, da graça, da fineza e da observação do coração humano”, enquanto “os costumes dos ingleses se opõem ao verdadeiro gênio da alegria”.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Provêm de CAZAMIAN, 1965, pp. 308-309, as idéias aqui resumidas e, pela ordem, das pp. 411, 388, 316 e 308, as passagens transcritas.

<sup>2</sup> Em SNUGGS, 1947, pp. 121-122, Snuggs reputa os “pseudo-humores” a essência das comédias tanto de Jonson quanto da Restauração inglesa (c. 1660 – c. 1714). Cazamian, numa nota de rodapé em CAZAMIAN, 1965, p. 314, discorda ligeiramente de Snuggs. Em CLANCY, 1953, pp. 21-23, Clancy discrimina três modalidades de idiosincrasias genuínas: inatas, adquiridas e adaptadas.

<sup>3</sup> Vale lembrar que a versão de *Euery man in his hvmovr* hoje disponível foi publicada em 1616.

<sup>4</sup> Todas oriundas de CAZAMIAN, 1965, as passagens aqui transcritas provêm, pela ordem, das pp. 393, 319, 394 e 329. Vide também pp. 406-408.

<sup>5</sup> STAËL, 1991, p. 229 (cuja segunda e última edição originalmente data de 1800).

Por conseguinte, a estudiosa sustenta existir “uma espécie de alegria em alguns escritos ingleses que tem todas as características da originalidade e do natural. A língua inglesa criou uma palavra, *humour*, para exprimir esta alegria, que [...] se liga à natureza do clima e aos costumes nacionais”. Mais precisamente, há “morosidade, [...] quase tristeza nesta alegria; aquele que [...] faz rir não experimenta o prazer que causa. Vê-se que escreve num estado de ânimo sombrio, que está quase irritado” com o público que distrai. No entender de Madame de Staël, haveria “misantropia no gracejo [...] dos ingleses, e sociabilidade no dos franceses; deve-se ler os primeiros quando se está só, e os segundos quando houver mais espectadores”. De mais a mais, a alegria dos ingleses “quase sempre conduz a um resultado filosófico ou moral; a [...] dos franceses freqüentemente tem como fim o próprio prazer”. Por fim, ainda conforme Madame de Staël, os autores a darem uma idéia precisa do gracejo inglês são Henry Fielding (1707-1754), Jonathan Swift (1667-1745) e T. B. Smollett (1721-1771, mas especialmente Laurence Sterne (1713-1768). Isto seria porque os ingleses “raramente admitiram o gênero de espírito que denominam *humour* em cena; seu efeito não seria teatral” (STAËL, 1991, pp. 233-234).

A partir do século XIX, humor teve sua gama denotativa progressivamente ampliada. Na Inglaterra vitoriana mas mesmo fora da Europa, deixou de consistir apenas em “incongruências verbais” para equivar às contradições da existência humana. E com o passar do tempo, estendeu-se até “uma noção geral de contraste [...] entre uma coisa e seu contexto”.<sup>6</sup> O resultado é que hoje, à semelhança de um prodigioso guarda-chuva, humor abarca toda sorte de modalidades sério-cômicas, jocosas e risíveis concernentes aos mais variados gêneros retóricos, dramáticos, literários e até gráficos – *stricto sensu* tão díspares quanto, por exemplo, ironia, farsa, burlesco, sátira, paródia e caricatura. Já é consenso inclusive que fazer ou apreciar humor também é possível na música. Mas dada a insuficiência de termos prévios como *Scherzo*, *Divertimento* e *Bagatelle* para qualificar presentes variedades de humor musical, a solução tem sido recorrer-se a correlatos verbais ou gráficos consagrados, tomados em sentido lato (mais detalhes em CASABLANCAS, 2000, pp. 205-209).

Toda esta amplitude semântica é repudiada por Cazamian sob a alegação de ser “o abuso de um rótulo” levando à “degenerescência” do humor “genuíno” (CAZAMIAN, 1965, pp. 412-413). Como seria de se esperar, outros especialistas também reivindicaram mais rigor formal. Por exemplo, no ensaio *L'umorismo*, o dramaturgo, novelista e crítico literário Luigi Pirandello (1867-1939) adverte seus leitores de “não [...] confundir o espírito cômico, a ironia e a sátira [...] nem mesmo [...] o *humour* inglês”. Daí Pirandello propor o termo humorismo para designar o “sentimento do contrário que nasce de uma especial atividade de reflexão”, quando nos deparamos com as contradições “entre a vida real e o ideal humano, ou entre as nossas aspirações e as nossas fraquezas e misérias”, e somos tomados pela “perplexidade entre o pranto e o riso” (pela ordem, as passagens aqui citadas provêm de PIRANDELLO, 1986, pp. 124, 137 e 131).

Não é a ortodoxia formal mas sim a perspectiva historiográfica de Cazamian sobre a gênese do “humor moderno” que exige reparos. Lembre-se que o estudioso é o primeiro a admitir faltarem evidências seguras a respeito. Não obstante, ele sustenta que, oriundo do antigo humoralismo, o humor joco-sério do século XVIII culmina um “desenvolvimento ininterrupto [que] alcançou seu estágio final de 1660 a 1800” (CAZAMIAN, 1965, p. 388). Em suma, Cazamian advoga que o “humor moderno” evoluiu diretamente da milenária doutrina humoral. Mas, conforme pretende-se questionar na presente exposição, até que ponto tal hipótese não estaria embasada na crença positivista de um progresso contínuo do conhecimento humano?

Ainda hoje bastante arraigada, esta idéia influi inclusive na reconstituição do passado. Isto porque alinhar fatos conhecidos em uma progressão ininterrupta leva a uma história seletiva, não raro cega

---

<sup>6</sup> S. Leacock, *Humor: its theory and technique*. New York: Dodd, Mead & Company, 1935, pp. 15 e 11, *apud* WAGNER-LAWLOR, 2000, pp. xiii-xiv.

às injunções e às complexidades de outrora (*vide* ALFONSO-GOLDFARB, 1994, pp. 62-63 e 65-66). Cabe aqui lembrar que, paralelamente à gestação do conceito setecentista de humor joco-sério, debates e mesmo hibridações envolvendo desde princípios sobre a matéria até a teoria humoral marcaram a ciência e medicina inglesa entre os séculos XVI e XVII (consultar especialmente ALFONSO-GOLDFARB, 2000; e DEBUS, 1966, pp. 49-136). De mais a mais, como sucedeu com determinados postulados galênicos, certos princípios humorais como a doutrina dos quatro temperamentos chegaram a conviver com novas teorias sobre a fisiologia humana pelo século XIX adentro (TEMKIN, 1974, pp. 178-181).

Em outras palavras, diferentemente do presumido por Cazamian, por perdurar por quase dois milênios, o humoralismo teve uma história intrincada, com episódios às vezes fascinantes. Dentre outros, vale mencionar sortidas especulações sobre a excepcionalidade intelectual derivar de uma bílis negra adventícia, diversa da ordinariamente compreendendo como qualidades o frio e o seco. Seguindo esta esteira, o médico navarro Juan Huarte de San Juan (c. 1529-1588) propôs que a facilidade de formular ditos chistosos seria própria dos indivíduos em cuja mente predominasse o quente, enquanto a propensão de rir à toa caracterizaria aqueles com uma compleição mental úmida ou seca.<sup>7</sup>

Um dado que contraria a premissa de Cazamian de uma progressão contínua entre o antigo humoralismo e o “humor moderno” é que as duas acepções de humor dramatizadas por Jonson afiguram-se marginais à teoria humoral. Isto era evidente inclusive para o dramaturgo, a julgar por uma renomada passagem na *inductio* abrindo *The comicall satyre of euery man ovt of his hvmour* a explicar que humor

[...] tem estas duas propriedades,  
Umidade e Fluidez [...]:  
[...] assim em cada corpo humano  
A bile, [a] melancolia, [a] fleuma, e [o] sangue,  
Porque fluem continuamente  
Em alguma parte, e não são continentes,  
Recebem o nome de Humores. [...]  
É possível por Metáfora aplicar-se  
À disposição geral,  
Como quando uma qualidade peculiar  
Possui tanto um homem, que leva  
Todos seus afetos, [todos] seus espíritos, e [todas] suas potências  
[...] a seguirem um sentido,  
Isto pode-se dizer ser verdadeiramente um Humor,  
Mas que um Trapaceiro ao usar uma pena multicolorida,  
[...] ou o nó à suíça  
Em suas jarreteiras francesas, simule um Humor,  
Ora, isso é mais que altamente ridículo.  
[...] [Portanto, mesmo] se um Idiota  
tiver nem que um rasgo Simiesco ou Fantástico,  
É seu Humor (JONSON, *Euery man in his hvmovr*, versos 88-117, em JONSON, 1600,

---

<sup>7</sup> Para maiores detalhes, *vide* MACHLINE, 2000, assim como HUARTE DE SAN JUAN, 1989, pp. 208-209 e 367-370. Dentre outras exposições mais amplas, tem-se pp. 217-274 de KLIBANSKY, PANOFSKY & SAXL, 1964, o levantamento “clássico” do qual derivam a maioria dos estudos mais recentes sobre melancolia e genialidade.

p. 11).<sup>8</sup>

Conforme o excerto acima esclarece, foi por extensão metafórica que Jonson e seus contemporâneos passaram a empregar a palavra humor também para toda sorte de idiossincrasias. Porém, tal como assinalado anteriormente, as genuínas – isto é, aquelas ocasionadas por uma conjunção humoral incógnita – raramente seriam motivo de troça. Prestar-se-iam à ridicularização particularmente as excentricidades simuladas – ou “pseudo-humorais” – sobretudo quando fora de propósito, como um pobre-diabo afetando fidalguia. Pena que, exceto pela passagem supracitada, Jonson não teria deixado mais nada elucidando essas duas acepções quinhentistas de humor.

Adentrando um território ainda pouco desbravado, Clancy sugere que humor no sentido de idiossincrasia genuína teria resultado de uma crítica elisabetana à doutrina dos quatro temperamentos. Mais precisamente, esta tipologia quadripartida de atributos tanto físicos quanto mentais fora reputada insuficiente face à diversidade de índoles constatada no dia-a-dia. Eventualmente, isto levou os elisabetanos a se interessarem por anomalias de natureza humoral, assim como a denominarem humor todo pendor natural incomum (CLANCY, 1953, pp. 16-19). No tocante a humor no sentido de afetação simulada, Clancy tem bem menos a dizer. Apenas cogita que sua origem estaria vinculada à criação de novos preceitos de representação teatral, impulsionada pelo culto renascentista à individualidade (CLANCY, 1953, pp. 20-23). Mas, cabe perguntar, não teria sido o último o fator a primeiro pôr a nu a modesta caracterologia dos quatro temperamentos?

Em suma, Clancy foi mais a fundo do que Cazamian sobre a origem dos humores satirizados por Jonson. Apesar de lacunar, Clancy permite entrever que esses, fossem eles genuínos ou falsos, nasceram à margem da teoria humoral, por força de uma insatisfação com a doutrina dos quatro temperamentos. Pensando bem, o mesmo descontentamento explica outros esforços de ampliar o rol das compleições humanas, igualmente datando do início dos tempos modernos. Enquadra-se nesses esforços, por exemplo, a revivescência de antigas especulações sobre uma conjuntura humoral favorável à excepcionalidade intelectual, levada adiante por pensadores como o humanista neoplatônico Marsilio Ficino (1433-1499) e o clérigo anglicano Richard Burton (1577-1640) (para maiores detalhes, *vide* MACHLINE, 2000, p. 263). O mesmo se aplica à proposta de oito temperamentos compostos que o herbalista e astrólogo inglês Nicholas Culpeper (1616-1654) emprestou de Galeno de Pérgamo (c. 130-199). Uma diferença relevante foi que Culpeper sugeriu modalidades como sanguíneo-melancólico, melancólico-sanguíneo, sanguíneo-fleumático e fleumático-sanguíneo, enquanto Galeno prescrevera oito combinações ou “misturas” compreendendo um par de qualidades primárias no qual uma qualidade prevaleceria sobre a outra.<sup>9</sup>

Diante do exposto acima, o modelo progressista de Cazamian deixa a desejar. Isto porque as duas acepções quinhentistas de humor, em vez de consistirem em uma etapa evolutiva da teoria humoral, parecem encabeçar um ramo que se desprende dessa doutrina médica e eventualmente redundou no “gracejo inglês”. Coincidentemente, desdobramentos similares porém mais efêmeros teriam se repetido fora da Inglaterra. Conforme apurado por Cazamian, na península itálica, os substantivos *umore* e *umorismo* chegaram a implicar um quê de originalidade ou idiossincrasia já no Quinhentos. E na primeira metade do século XVII, em terras francesas, *humeur* denotou não só excentricidade como até mesmo expressão perspicaz abarcando incongruidade. Por volta de 1650, contudo, *umore* perdeu a conotação acima mencionada, enquanto *humeur* adquiriu o sentido negativo de mau humor. Ainda segundo Cazamian, que curiosamente exclui a possibilidade de intercâmbios a respeito entre Ilhas Britânicas e continente europeu nesse meio-tempo, foi só na virada do século XIX que o “humor

<sup>8</sup> Vale lembrar que uma jarda hoje equivale a 3 pés ou 0,914 m, e que jarreteira designa uma peça de vestimenta tanto masculina quanto feminina que servia para prender meias.

<sup>9</sup> Para detalhes adicionais, consultar por exemplo TOBYN, 1997, pp. 58-60, e GALENO, 1997, pp. 206-207, 225 e 231

moderno” florescido na Inglaterra setecentista difundiu-se pelo mundo afora (CAZAMIAN, 1965, pp. 325-329). E, como visto acima, paulatinamente acumulou tantos significados, a ponto de descaracterizar-se.

Outro dado contrariando o progressismo de Cazamian é a vigência das acepções quinhentistas de humor em pleno século XVIII inglês, paralelamente à de novas denotações. Uma testemunha oportuna é o homem de letras Corbyn Morris (?-1779), autor de “Um ensaio para fixar os verdadeiros padrões de chiste, humor, troça, sátira e escárnio”. Segundo Morris, “HUMOR [...] amplamente compreendido, é *qualquer* Excentricidade ou Defeito notável pertencendo a uma Pessoa na Vida real; seja este Defeito constitucional, habitual, ou apenas simulado; seja parcial [...]; ou tingindo toda a Índole e a Conduta da Pessoa”. Em outras palavras, humor aqui significa qualquer idiossincrasia genuína, tal como soía no Quinhentos. Igualmente, corresponde a sortidas falhas de caráter prestando-se a ser “ridicularizada[s] com HUMOR”, como a propensão a afetar “pseudo-humores” inclusive fora do palco (MORRIS, 1972, pp. [23] e [14]).

Repisando um consenso entre seus compatriotas, Morris afirma haver “mais HUMOR nas Comédias *Inglesas* do que em outras; posto que temos mais variados *Caracteres* excêntricos na Vida real do que qualquer outra Nação, ou talvez do que todas as outras Nações juntas” (MORRIS, 1972, p. [23]). Desta feita, por extensão do sentido de idiossincrasia genuína, humor adquire foros de distintivo de individualidade, não só pessoal como até nacional. Ou seja, beira o que veio a ser denominado personalidade a partir do século XIX.

Morris evita discutir as razões para a diversidade de tipos excêntricos entre os ingleses, talvez devido à inexistência de uma explicação cabal a respeito. Por exemplo, num ensaio sobre humor na comédia que Morris anexou ao seu, o dramaturgo William Congreve (1670-1729) considera o “*Humor* ser praticamente de Crescimento *Inglês*” em virtude da “Liberdade da qual o Povo da *Inglaterra* goza”. Qualquer pessoa com “um *Humor* não tem Restrição, ou Medo de dar-lhe Vazão”. Além de fatores políticos, Congreve aventa que “algo considerável também deve ser atribuído a seu [dos ingleses] excessivo consumo de Carne, e à Consistência de sua Dieta em geral” (CONGREVE, *apud* MORRIS, 1972, p. [75]).

Já no entender do médico humanista Richard Blackmore (c. 1654-1729), “o Temperamento dos Nativos da *Britânia* é o mais variado, o que resulta do Baço, um Ingrediente da sua Constituição que é praticamente peculiar, pelo menos em Grau, a esta Ilha”. Por isso, “um *Inglês* [...] encontrará, entre seus Compatriotas, o *Francês*, o *Espanhol*, o *Italiano* e o *Alemão*” – se não “as Disposições e os Humores de todas as Nações da *Europa*” (BLACKMORE, 1725, pp. 261-262).

Retomando Morris, este preferiu aprofundar uma tipologia em voga em seu tempo, a saber, o “homem de humor” e o “humorista”. O primeiro “*pode alegremente* exibir um Caráter frágil e ridículo na Vida real, seja assumindo-o pessoalmente, ou representando outro [...], tão naturalmente, [de modo] que as Excentricidades, e os Defeitos, extravagantes daquele Caráter são expostos palpavelmente”. O segundo seria “uma Pessoa na Vida real, obstinadamente apegada a sensíveis Excentricidades peculiares de seu próprio [e] genuíno Crescimento, que se mostram em sua Índole e sua Conduta”. Dos dois tipos, o “homem de humor” afigura-se o mais eclético, dado poder “alegremente exibir e expor as Excentricidades e os Defeitos de um *Humorista*, ou [os] de outros *Caráteres* (MORRIS, 1972, p. [15]). Já o “humorista” não é só excêntrico por excelência, como querem Cazamian e seu colega Dulck (CAZAMIAN, 1965, pp. 409-410, e DULCK, 1957-59, p. 36). É também um moralista nato, conforme apropriadamente observado por Madame de Stäel a respeito do “gracejo inglês”. Ou, nas palavras de Morris, invariavelmente pronto a “espreita[r] e menospreza[r] as *Contradições* dos outros”, o “humorista” alça a “Flagelo dos que erram” (MORRIS, 1972, pp. [18] e [20]).

A distinção acima é crucial para apreciar-se o julgamento que Cazamian faz das idéias sobre humor do advogado, agriculturalista e filósofo Henry Homes Kames (1696-1782). Segundo

Cazamian, Lord Kames “adere [em seu *Elements of Criticism*] à visão tradicional de que humor em geral é simplesmente comportamento excêntrico”. Não obstante, Kames “tem uma compreensão correta da estratégia do humorista literário [quando afirma]: ‘Esta qualidade pertence a um autor, que, simulando ser grave e sério, pinta seus objetos em tais cores de modo a provocar hilariedade e riso’” (CAZAMIAN, 1965, pp. 407-408). Ainda no entender de Kames, um escritor “que realmente é um humorista em [conformidade com seu] caráter, faz isto sem planejamento; se não, ele deve simular o caráter para ser bem-sucedido”. Por exemplo, Joseph “Addison [1672-1719] não era um humorista em [conformidade com seu] caráter, e no entanto nos seus textos em prosa prevalece um humor muito delicado e refinado” (KAMES, *apud* CAZAMIAN, 1965, p. 408). Para Kames, portanto, humor não é técnica mas sim uma idiosincrasia que, embora inata ao “humorista”, pode ser simulada por um “homem de humor”.

Frustrado de seu “humor moderno”, Cazamian critica Kames por considerar “o dom do humor [...] inconsciente”. Nas palavras de Cazamian, o que “levou Lord Kames a esse erro paradoxal é provavelmente seu apego, apesar de tudo, à visão jonsonianiana, e uma tentativa de reconciliar o novo sentido de ‘humor’ com o antigo” (CAZAMIAN, 1965, p. 408). Mas, no frígido dos ovos, é Cazamian que, induzido por seu progressismo, passa ao largo do *humour* inglês em toda sua autêntica extensão humoral.

Para concluir, se bem que muito mais caberia acrescentar, espera-se ter demonstrado nesta exposição ser apressado presumir que o conceito setecentista de humor joco-sério culmina o antigo humoralismo. Mesmo assim, a gênese desse conceito merece figurar entre os debates no início dos tempos modernos envolvendo a teoria humoral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSO-GOLDFARB, A. M. *O que é história da ciência*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- . O antigo enciclopedismo e a ciência moderna. In: GOLDFARB, J. L.; FERRAZ, M. H. M. (orgs). *Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia e da VII Reunião da Rede de Intercâmbios para a História e a Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Editora da Unesp / Imprensa Oficial do Estado / Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2000. Pp. 55-59.
- BLACKMORE, R. *A Treatise of the spleen and vapours: or, Hypochondriacal and hysterical affections. with three discourses on the nature and cure of the cholick, melancholy, and palsies*. London: J. Pemberton, 1725. Reimpressão fac-similar: Doddington: Doddington Press, [s.d.].
- CASABLANCAS, B. *El humor en la música. Broma, parodia e ironia*. Kassel: Reichenberger, 2000.
- CAZAMIAN, L. *The development of English humor. Parts I and II*. (Originalmente, Parte I, Macmillan, 1930; Parte II, Duke University Press, 1952). Reimpressão, New York: AMS Press, 1965.
- CLANCY, J. H. Ben Jonson and the ‘humours’. *The Theatre Annual* 11: 15-23, 1953.
- DEBUS, A. G. *The English Paracelsians*. New York: Franklin Watts, 1966.
- DULCK, L’humour anglais. *Bulletin du Séminaire de Littérature Générale* 7: 35-46, 1957-1959.
- GALENO. *Selected works*. Trad. de P. N. Singer. Oxford/New York: Oxford University Press, 1997.
- GOLDFARB, J. L.; FERRAZ, M. H. M. (orgs). *Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia e da VII Reunião da Rede de Intercâmbios para a História e a Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Editora da Unesp / Imprensa Oficial do Estado / Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2000.
- HUARTE DE SAN JUAN, J. *Examen de ingenios para las ciencias*. Ed. de Guillermo Serés. Madrid: Cátedra, 1989.

- JONSON, B. *Five plays*. Ed. de G. A. Wilkes. Oxford / New York: Oxford University Press, 1988.
- . *The comickall satyre of euery man ovt of his hvmour*. London: William Holme, 1600.
- KLIBANSKY, K.; E. Panofsky; SAXL, F. *Saturn and melancholy. Studies in the history of natural philosophy, religion and art*. London: Thomas Nelson & Sons, 1964.
- MACHLINE, V. C. As especulações de Huarte de San Juan sobre engenhosidade e melancolia. In: GOLDFARB, J. L.; FERRAZ, M. H. M. (eds.). *Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia e da VII Reunião da Rede de Intercâmbios para a História e a Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo / Editora da Unesp / Imprensa Oficial do Estado / Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2000. Pp. 263-266.
- MORRIS, C. *An essay towards fixing the true standards of wit, humour, raillery, satire, and ridicule*. London: J. Roberts, 1744. Reimpressão fac-similar: New York: AMS Press, 1972.
- PIRANDELLO, L. *L'umorismo*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1986.
- SNUGGS, H. L. The comic humors: a new interpretation. *Publications of the Modern Language Association of America* 62: 114-122, 1947.
- STAËL, M. de. *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*. Ed. de G. Gengembre & J. Goldzink. Paris: Flammarion, 1991.
- TEMKIN, O. *Galenism. rise and decline of a medical philosophy*. Ithaca / London: Cornell University Press, 1974.
- TOBYN, G. *Culpeper's medicine. A practice of western holistic medicine*. Shaftesbury / Rockport / Brisbane: Element, 1997.
- WAGNER-LAWLOR, J. A. (org). *The Victorian comic spirit. New perspectives*. Aldershot / Brookfield / Singapura / Sidney: Ashgate, 2000.